

Stadium

N.º 380
15 de Março de 1950
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Atlético vence Sporting por 3-1 — Baptista e Morais, dois jogadores de combate, saltam à bola mas perdem o lance que é ganho por Juca e Wilson. A jogada decorre, porém, sem resultados proveitosos para o Sporting

Os seleccionadores e a crítica

SERIA extraordinariamente difícil que a grande maioria dos desportistas portugueses estivesse de acordo com a formação da selecção nacional de futebol. O clubismo é uma doença que corta as luzes da inteligência e do bom senso.

Evidentemente que, em assunto de tal monta, o parecer pessoal terá sempre de exercer séria influência. Não é menos exacto, também, que os jogadores com quem mais contacto temos nos aparecem no seu mais real valor. Mesmo os críticos mais independentes e sérios podem perfeitamente desconhecerão absolutamente como é de justiça, a verdadeira valia de um praticante — mesmo que ele seja até um internacional...

Vem isto a propósito dos trabalhos da selecção que estão sendo efectuados para a campanha com os nossos vizinhos espanhóis — com vista à representação do futebol ibérico no Campeonato do Mundo.

A crítica, ante esses trabalhos, já pôs veladamente embora a questão de se saber qual é verdadeiramente a equipa portuguesa que vai jogar, primeiro em Madrid e, depois, em Lisboa.

Incontestavelmente, a crítica portuguesa é séria. Deseja dar a sua constituição para que a representação portuguesa atinja o máximo que nos é possível — e aqui está, na sua essência, a razão do queixume. Simplesmente — o sistema também tem os seus inconvenientes. O comité de selecção é tão sério e está tão arreigadamente empenhado numa representação valorosa como a crítica. Os papéis que se divergem. Enquanto o comité não quer dar — ou

não pode dar... — motivo algum para que este ou aquele jogador apareça menos moralizado para uma luta que se prevê ardorosa e rude, a crítica basela o seu parecer em que seja feita a escolha dos onze melhores jogadores...

Os seleccionadores vão olvidando, aos poucos, os inconvenientes que resultam de tão diferentes situações. Ora determinam que os treinos se façam à porta fechada, como se diz — se, ora alteram a formação da equipa — mesmo que seja só para dizer que possuem vinte e dois jogadores capazes de alinhar ante os espanhóis...

O jogador de futebol é como uma flor em certo aspecto. Quantos jogadores se não terão inferiorizado, mesmo já depois de seleccionados, só porque a crítica prematura os não deixou ao lugar que porventura mereciam?

Conhecemos todos um caso ocorrido com Augusto Silva a quando de um encontro que se jogou em Sevilha contra a equipa nacional de Espanha. O célebre médio belenense não estava na sua melhor forma e a crítica no mesmo dia da partida — partiu-lhe os ossos... Valeu, na emergência, o moral superior do desportista em questão que mesmo ante essa contrariedade ainda encontrou forças e sorte para poder ser o melhor dos vinte e dois jogadores em campo. Simplesmente o moral de Augusto Silva terá sido um caso particularíssimo do futebol português.

O António Lopes — o 4.010 da Casa Pia — jogador primoroso que incontestavelmente foi, sofreu varridela semelhante por alturas do primeiro Portugal-Espanha e não pôde re-

sistir... Afirmou-se, depois, que o Arrate, espécie de gigante que os espanhóis haviam colocado na extrema defesa era uma grande muralha. Os mesmos que fixaram esta afirmação não se lembraram, mais tarde, de questionar por se opor a Valet o desditoso Pepe — num célebre Portugal-França que vencemos com incontestável brilho e em que Pepe foi a muralha e não Valet...

Tudo isto para dizer que os cuidados dos seleccionadores são poucos, evidentemente, para os perigos a que estará exposta a selecção nacional — se acaso ela for conhecida com antecedência...

Ainda não há muitos dias um jornal desportivo do norte do País assegurava que a melhor defesa dos clubes de Portugal era a do F. C. do Porto — o que poderá ser verdade embora os factos o não confirmem muito. Esse mesmo jornal afirmava dever colocar-se um jogador português no lugar de um outro que todos cremos terá de ser a base da extrema defesa da nossa selecção.

Que me lembre, nunca um seleccionador procedeu muito diferentemente dos seleccionadores que lá estão agora. Sei até de um que nem aos próprios directores da Federação dava satisfação por mínima que fosse. Os próprios jogadores só na cabine, minutos antes do jogo vir a começar, é que sabiam se jogavam ou não. E esse seleccionador gozou e goza ainda da justa fama de haver sido e continuar sendo um homem com predicados especiais para conseguir a valorização moral dos jogadores entregues aos seus cuidados...

MARIO SANTOS



EM CIMA — Ben David, com oportunidade, remata com força e precisão, batendo Capela, e concluindo uma jogada de conjunto
EM BAIXO — Rogério, no posto de interior, escapa-se à oposição de um adversário e passa a um companheiro

O treino da Selecção contra BARREIRENSE

XADREZ

Começaram as provas principais do programa da modalidade

E indubitável que o xadrez está atravessando uma fase de desenvolvimento, que devidamente amparado poderia alcançar proporções notáveis no meio desportivo português. A Espanha que está ganhando na Província é a indicação mais concludente.

Merecendo este jogo a consagração popular no nosso País, é natural que recuperemos, num futuro próximo, a distância que nos separa ainda das outras nações, em matéria de «desporto intelectual».

Mas, a par do progresso em quantidade, torna-se necessário cuidar do progresso da qualidade. Nesse capítulo, o atraso é notório. Para esse facto muito concorre a falta de material, principalmente de relógios.

Verificou-se já que não se pode jogar xadrez de competição — xadrez desportivo, digamos assim — sem controls do tempo de reflexão. Citamos a propósito, os casos recentes do Torneio Quadrangular de Lisboa e os encontros Leiria-Santarém e Leiria-Figueira da Foz, em que a falta de relógios foi concludente.

Como corolário deste incremento, começaram já a disputar-se as provas principais do calendário escaquista.

Realizou-se em Fevereiro, no

Porto, o Torneio de Mestres do Norte, cuja classificação final foi a seguinte:

1.º João Mário Ribeiro, 7,5 pontos; 2.º Alexandre Gonçalves, 6 pts.; 3.º Oliveira Bastos, 3,5 pts.; 4.º Neves Pereira, 2 pts.; 5.º Rogério Lucas, 1 ponto.

O Torneio de Mestres do Sul principiou ontem e promete desde já constituir uma prova interessante, pois inscreveram-se alguns jogadores que há muito não víamos em acção.

Os dois primeiros classificados destas provas serão apurados para participarem no Campeonato de Portugal.

Simultaneamente estão em curso na Sociedade de Geografia os Campeonatos de Lisboa de 3.ª categoria e de 1.ª categoria do G. X. L., num total de 40 concorrentes.

Na Faculdade de Ciências estão disputando torneios cerca de sessenta jogadores, e em todos os grupos filiados estão em curso campeonatos da 1.ª categoria.

Como vai disputar-se também o Campeonato Corporativo de Xadrez, por equipas, calculamos que estejam em actividade na capital, em Março e Abril, cerca de trezentos xadrezistas, cifra bastante animadora.

VASCO C. SANTOS

«Stadium» publicará no próximo número uma curiosa entrevista com o desportista angolano Aurélio Lança de Moraes, em que se faz uma análise perfeita do desporto em Angola e se referem revelações que se ligam com os clubes do Continente.

O árbitro e os seus fantasmas

A missão do árbitro numa competição desportiva foi sempre ingrata e melindrosa. Porque é da natureza humana suportar mal a adversidade, porque se procura sempre encontrar um responsável para os nossos desaires ou nossas desilusões, o árbitro é normalmente a vítima expiatória para certa facção das forças em luta.

É possível ainda, às vezes, que o árbitro seja o pior inimigo de si próprio, por falta de autoridade, por erro de visão ou por efeitos de influência das forças exteriores desencadeadas em seu torno. Temos de considerar, no entanto, estes casos como excepcionais e apontar como perigoso sintoma de evolução do espírito público, a moda crescente de atribuir ao árbitro, invariavelmente, a responsabilidade de todas as derrotas.

Nos meios futebolísticos, sobretudo, o hábito toma proporções assustadoras; nenhum árbitro é imparcial, nenhum é competente, no dizer das equipas que perdem. E como, mais ou menos, todas perdem...

Vive-se numa atmosfera irrespirável, de desconfiança e de descrédito, a que é necessário pôr cobro. O arremedo é urgente.

Se existem nas fileiras dos juizes de jogo, elementos venais ou incompetentes, eliminem-se sem hesitação para prestígio dos restantes; mas, à grande maioria que se reconhece apta e competente para o desempenho das funções, presle-se todo o apoio, actuando com rigor contra os caluniadores, contra os autores de campanhas tendenciosas, contra os «habitués» de protestos e recursos.

É de urgência a campanha depuradora; no estado actual das coisas, talvez fosse acertado submeter cada serviço de arbitragem à análise e crítica de um outro árbitro de averiguada competência, mesmo retirado da actividade. A apreciação incidiria, além dos seus conhecimentos técnicos, sobre sua capacidade disciplinadora, espírito harmónico de aplicação da justiça, etc.

E quando, contra a acção dos árbitros, surgissem reclamações infundadas, desde que sobre ela existissem outros elementos seguros de julgamento, que se castigassem os detractores, para exemplo e para satisfação moral de quem precisa de ser defendido das fantasias facciosas ou dos habilidosos pretextos dos dirigentes, dos jogadores e do público, os seus fantasmas perseguirão.

CONSELHOS AOS JOGADORES DE ANDEBOL

por R. Ricard, professor de andebol na Escola Normal Superior de Educação Física de Paris e seleccionador nacional

— O jogador de andebol deve ligar grande importância à preensão da bola só com uma mão. Reforçamento dos flexores dos dedos, procurando o máximo afastamento entre o polegar e o mínimo. A boa preensão da bola facilita a finta e assegura melhor domínio do passe e do remate.

— O drible é um recurso, do qual se deve saber fazer o uso conveniente. Utilizá-lo para determinar melhor a situação, livrar-se da oposição do adversário e assegurar melhores condições de passe. Não usar o drible como meio de progressão, excepto em casos excepcionais: furar em frente da baliza. Não esquecer nunca que a bola vai mais depressa atirada do que levada.

— Receber a bola com as duas mãos. A recepção com uma mão só é pura acrobacia.

— Acelerar a corrida para ir, na recepção, ao encontro da bola. Travar a corrida antes de realizar o passe (maior precisão).

— O passe é feito protegido, isto é, fora do alcance do adversário e ligeiramente adiantado ao destinatário, para não demorar a sua acção.

— Nunca passar a bola ao parceiro mal colocado ou sem possibilidade a receber em boas condições.

— Atacantes, não percam a bola. Calma. Controlem o equilíbrio e os gestos, sejam seguros no passe. O passe mal feito sobrecarrega os companheiros, obriga-os a esforços inúteis e provoca o contra-ataque adversário que é sempre factor de perigo.

— Todos os jogadores devem saber bloquear a corrida, o que lhes permite autodomínio, desembaraçar-se às vezes do adversário, evitar contactos inúteis, prosse-

guir sua acção com oportunidade.

— Fugir ao contacto do adversário é a regra base do atacante. O choque repetido diminui-lhe recursos e gera confusão.

— A acção do jogador não termina quando faz a passagem da bola. Deve prosseguir correndo na direcção do ataque que determinou para, se for preciso, apoiar o condutor da bola e facultar-lhe a possibilidade do dobre do passe.

— Nunca se deve jogar a bola para um aglomerado de jogadores. Quando o portador da bola se encontrar cercado por companheiros e adversários, deve afastar a bola do grupo, quer passando-a à rectaguarda, quer lançando-a por longa passagem a um camarada distante.

— Atacar, sempre a toda a largura do terreno. É importante que cada faixa longitudinal seja ocupada por um atacante. Se um jogador descal para a zona vizinha, o companheiro que aí se encontrava deve imediatamente permutar com ele.

— Não desenvolver nunca um ataque em linha. Procurar de preferência a formação em profundidade, que permite melhor distribuição de jogo.

— O ataque não deve ser conduzido por corridas em linha recta na direcção da baliza adversária. Ao contrário, proceder em corridas oblíquas que desorientam o adversário, permitem os cruzamentos, as combinações múltiplas e facilitam a transmissão e recepção da bola.

— Não utilizar nunca o passe lateral. No meio do terreno, progredir por passes oblíquos e em profundidade. Frente à barreira defensiva, não hesitar na execução do passe recuado, porque o jogador colocado mais atrás po-

derá julgar, com melhor visão, qual a orientação mais conveniente a imprimir ao seguimento do ataque.

— Utilizar a finta colectiva: atacar em determinada direcção, o que leva o adversário a tomar disposições de defesa no lado ameaçado e, depois, executar bruscamente a inversão do ataque.

— O defensor: deve manter sólido apoio no terreno, colocar-se sempre na linha que liga o adversário à baliza que protege. Nunca saltar para o adversário, pois perdidos assim, os pontos de apoio, o defensor não poderá responder à esquivas do adversário, que se escapará com a bola.

Em frente da sua baliza, o defensor na posse da bola, nunca despachará lateralmente e para o centro do terreno. O passe dirigirá-se a um camarada de equipa, em profundidade ou na direcção da linha lateral.

Nunca levará a bola aos avançados, driblando, enviando-lha sempre por passe longo, de preferência aos extremos. O contra-ataque ganhará assim velocidade e, portanto, eficácia.

Fixar a vigilância sempre sobre o lado forte do adversário (braco de remate).

Para evitar ser batido, o defensor não hesitará em recuar, pois continuará assim em posição de continuar a opor-se ao atacante.

Quando lhe competir ocupar um posto no extremo da linha defensiva, coloque-se de maneira que o atacante não o possa ultrapassar pelo lado interior. A colocação deve ser tal que obrigue o adversário a prosseguir a sua acção no sentido da linha lateral.

Quando o sistema defensivo usado seja o da marcação individual, o defensor não deve esperar passivamente o adversário. Acompanhará a sua acção, dificultando-lha, mas permanecendo sempre entre ele e a baliza que defende.

Se o ataque for numericamente superior à defesa, esta abandonará o avançado mais distante da baliza.

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O conjunto do Sindicato Nacional dos Cartoneiros estreante em 2.ª categoria que tem tido comportamento modesto mas disciplinado. No 1.º plano da esquerda para a direita: Ribeiro, Cardoso, Jesus, Baptista e Leitão. De pé: Lucas, Sacadura, Lima, Matos, Felix e Figueiredo

Ano VIII — II Série — N.º 380
Lisboa, 15 de Março de 1960

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone, 31167 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

JORNADA DO TÍTULO

Resultados dos jogos de domingo passado:

Atlético-Sporting, 3-1; Benfica-Lusitano, 4-1; Belenenses-Estoril, 2-1; Braga-Setúbal, 3-2; Covilhã-F. C. do Porto, 4-2; Olhanense-Elvas, 6-3; Académica-Guimarães, 0-0.

Eis uma jornada que pode ter sido decisiva. Vamos mais longe — que o foi... O campeonato deve ter terminado, praticamente, na Tapadinha onde, acrescentemos, não é a primeira vez que os «leões» enteram o título.

O Benfica tem agora 6 pontos de avanço. Logo, mesmo que viesse a perder com o Sporting (e de momento, considerando a forma de ambos, isso não parece muito viável), manteria ainda apreciável vantagem. Os encarnados, portanto, venceram em dois campos!

Nos aspectos gerais da jornada a derrota do Sporting sobressai, cavando um abismo entre os dois rivais. E, ainda como consequência dela, firmando o Atlético no 3.º lugar, ao revelar a capacidade do «team». Logo se encontra a vitória do Belenenses, dando o 4.º lugar aos azuis. É, outra consequência, deixando quatro clubes de Lisboa nos postos da vanguarda. Talvez mais cerrada que noutras épocas, a luta (?) Lisboa-Província acaba por se resolver nas condições habituais. Desde que o F. C. do Porto deixou de ter «team» para dar cartas — que a cena se repete todos os anos... No actual campeonato ainda a Académica chegou a mostrar-se capaz de uma proeza. Mas, depois, a ronda começou a desandar, a desandar, até que nesta jornada os «capas negras», mesmo em Coimbra, não marcaram um golo sequer...

Cá mais para baixo, a luta para fugir ao último lugar continua viva. O Lusitano guarda, de má vontade, o último posto. Três pontos o separam do par Estoril Guimarães. Observe-se que, a seis jornadas do final, há muitos clubes ainda em má situação. Quatro pontos os separam daquele par e se for por diante a idela da redução de clubes, um deles pode entrar nessa dança. Enfim, perdido o interesse pelo título, prossegue outra competição — na cauda da tabela...

Na Tapadinha, o Atlético, equipa sem grandes nomes — tudo é relativo, aliás — ganhou merecidamente a um Sporting desorganizado, sem inspiração, com Azevedo em forma precária (tudo tem um limite na vida!) e o ataque frouxo, sem garra, e com elementos demasiadamente... timoratos. Barrosa foi o único jogador que deu ao seu labor aquela nota de apego à luta que tem de estar na base do futebol-competição. Travassos também merece uma referência.

Mal vão as coisas quanto ao «team» nacional. Figuras consideradas indiscutíveis falharam rotundamente — a três semanas do jogo de Madrid!

O Atlético tem equipa. Ainda bem. O seu guarda-redes Ernesto precisa de ser visto — com olhos de ver... O conjunto é o segredo deste grupo, que interpreta fielmente o que é futebol autêntico.

Fácil vitória do Benfica sobre o Lusitano. Os já campeões (não é avançar muito dizer isto) não tiveram de empregar-se a fundo. E por isso os algarvios puderam marcar primeiro. D'pois é que foram elas... Arsénio continua em grande forma. Consideramo-lo de momento o melhor interior direito. E, contudo, não está de «molhos» no Estoril...

O Belenenses interrompeu a recuperação do Estoril. Estava dentro das previsões. Bravo reapareceu a jogar contra o seu antigo clube. Nem bem, nem mal. Precisa, talvez, de adaptação. Os avançados do Estoril não tiveram quem concluisse os lances ofensivos. No ataque das Salésias também houve falta de profundidade e de eficácia. A pecha tarda a desaparecer. Há necessidade, vê-se, de medidas radicais.

Em Braga duas equipas, de momento em má forma, forneceram jogo de fraca qualidade.

Os «leões da serra» cometeram uma boa proeza. Simony, contratado por mais um ano, esteve na base do triunfo serrano. O ataque do F. C. do Porto, que fora contra o Setúbal terrivelmente efêz, nunca mais voltou a ser igual. Questão, sem dúvidas, de adaptação. E' preciso dar tempo ao tempo e aguardar serenamente que os frutos apareçam. Não se plantia uma árvore e ela começa logo a dar frutos!...

Os «capas negras» — nada! Bentes, em boa forma, não teve quem o ajudasse. E a rotagem faz-se agora em sentido inverso ao do começo do torneio.

Olhanense-Elvas foi um bom desafio. O trio central algarvio jogou muito bem, com relevo para João da Palma, perfeito nas manobras e perigoso nos tiros. Fez três bolas a um guarda-redes de boa qualidade.

O Elvas lutou sempre à procura de pontos. No final a recuperação foi admirável e num repente o resultado passou de 5-0 para 5-3! O sexto golo dos olhanenses apareceu a dois minutos do final. Curioso: em dez minutos houve cinco pontos! — T. da S.



SALGUEIROS O-OVARENSE 1 — Uma excelente defesa do guarda-redes do Ovarense, cortando um centro para Mascote

SEGUNDA DIVISÃO

Estão apuradas quatro equipas

Em todos os elogios são poucos para as quatro equipas que agora vão lutar pelo grande título. De facto, foi preciso muito vigor, muita vontade e muita fé para chegar ao fim. Mais seis domingos e tudo terminará. E então o campeão terá a merecida consagração.

E antes de entrarmos na apreciação dos jogos, lembremos como é doloroso terem ficado pelo caminho equipas como o Leixões, União de Coimbra, Barreirense e Portimonense.

Talvez para o ano a coisa se resolva.

ZONA A

Vianense..... 0 — Boavista..... 1
Leixões..... 2 — Vila Real..... 0

O Boavista conseguiu o seu resultado. Necessitava da vitória e alcançou-a. Os «axadrezados» arrastaram a Viana do Castelo dezenas de fiéis associados que tiveram a merecida compensação. Jogaram mais e venceram bem. O terreno encharcado prejudicou a sua loada, cerzida em passes curtos e rasos. E o 1-0 final não ilustra fielmente o que se passou no campo. Agora é preciso muito cuidado. Cada jogo é uma cartada decisiva.

O Leixões ainda com esperança numa escorregadeira dos rivais, cumpriu a sua obrigação e venceu claramente o forte grupo transmontano. Não foi ainda este ano que o Leixões conseguiu qualificar-se. E' necessário continuar a trabalhar com vontade e sem desfalecimento. Mais cedo ou mais tarde, os resultados surgirão.

ZONA B

U. Coimbra..... 7 — Guarda..... 1
Acad. de Viseu..... 5 — Torrejense..... 2

O União de Coimbra, grupo valoroso e de tradição, acordou tarde. Uma série de maus resultados abalaram demasiadamente o grupo, o que não se compreende. O União tem uma equipa calçada e com valores. Não se percebe a sua brusca queda. No jogo de domingo venceu com a autoridade que o resultado traduz.

O «team» de Píreza não pôde resistir à excelente embalagem dos coibitões.

E em Viseu jogou-se o grande

desafio do ano. Vencer era ter a certeza da qualificação. E o Académico venceu bem, com clareza.

Se a infelicidade não tivesse perseguido os seus avançados, não surpreenderia que o resultado se avolumasse. O Académico de Viseu vai ter agora a sua grande oportunidade. Que a saiba aproveitar.

ZONA C

Oriental..... 7 — Barreirense..... 1
Caf do Barreiro, 2 — Casa Pia..... 1

Quem duvida agora da classe do Oriental? E quem se atreverá agora a dizer que o Oriental não precisa dum E-tádio?

O campo «Engenheiro Carlos Salemas» foi pequeno, acanhado e incómodo para os milhares de aficionados que o encheram. E aquela equipa do Oriental, uma equipa em que há um Alfredo, um Eleutério, um Leitão, e um Pina, merecia pisar um tapete de relva. V-nha o Estádio!

O clube de Marvila impôs-se logo de início. Jogo rápido, decisivo e contundente.

Os avançados eram disbos velozes, que atravavam à baliza de qualquer maneira. E a célebre defesa que em 17 jogos só sofreu 9 golos, cedeu o flanco por sete vezes! Isto revela o que foi o empenho dos cinco dianteiros do Oriental.

Marvila está em festa. E com justificadíssima razão.

Num jogo sem interesse, o Casa Pia foi ao Barreiro impôr um resultado pela mínima diferença. Os dois «conformados» jogaram com um à vontade e sem pressas. Resultado normal.

ZONA D

Portimonense... 3 — Portalegrense... 1
União Sport... 6 — Sp. Farense... 0

O laureado Portimonense não conseguiu passar. Também exigia-se lhe proeza de tomo: vencer por sete bolas de diferença. O guardião de Portalegre (dizem que para o ano será benfiquista), foi obrigado a trabalho intenso e extenuante.

O União de Montemor, esquecidos já os incidentes da jornada anterior, confirma a sua real capacidade. Que fará ela na última fase?

A. J. FREITAS

ARCADIA DANCING DE LUXO

APRESENTA:

CARMEN OLMEDO y su Ballet Hispano-Americano

XENIA & TRIPOLITOFF

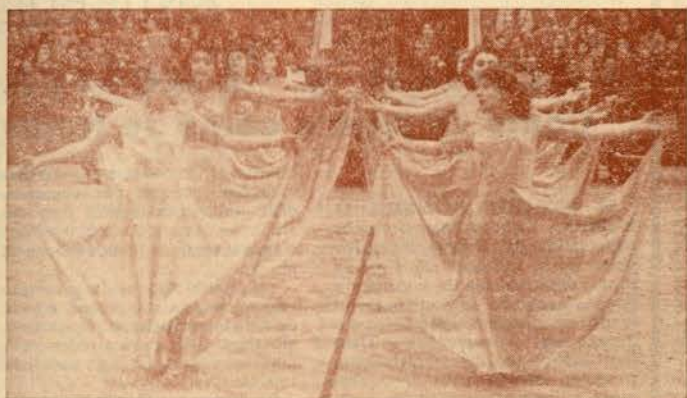
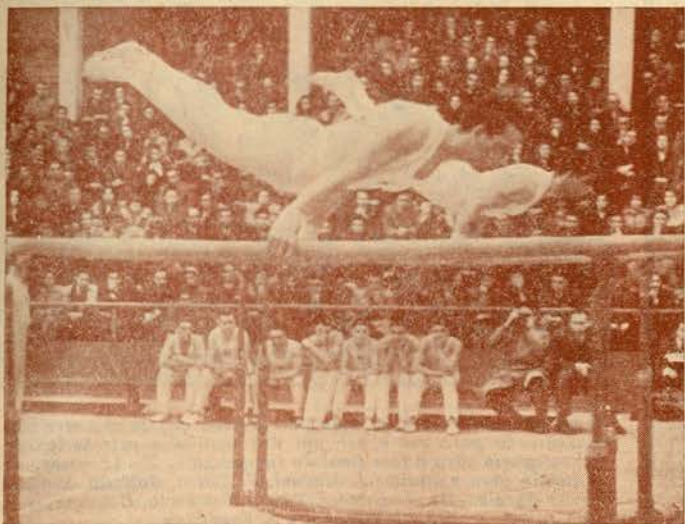
BAILARINOS INTERNACIONAIS

2 ORQUESTRAS: LARREA e ARCADIA

Formosas Bailarinas EM COMPLEMENTO DO PROGRAMA

Brilhante vitória do Ginásio Clube Português

no 1.º Concurso Internacional de ginástica olímpica



O Ginásio Clube Português, admirável instituição, solenizou as suas «Bodas de Diamante» com um Concurso Internacional de ginástica olímpica, ao qual concorreram equipas portuguesas, espanholas e francesas. A iniciativa foi coroada de êxito. As equipas do Ginásio classificaram-se nos dois primeiros lugares seguidas do Lisboa Ginásio. Publicamos vários aspectos do referido Concurso.

ORIENTAL na «poule» final



Um jogador do Oriental persegue a bola, mas o guarda-redes do Barreirense intervém com êxito



Com ímpeto e rapidez, um atacante do Oriental acerca-se das balizas do Barreirense

A propósito de incidentes no Brasil

escreve-nos o sr. HELIO PEREIRA DE MATOS

que se refere também à desistência da Argentina, à influência de Stabile neste País, e à participação de Portugal

Do sr. Helio Esteves Pereira de Matos, desportista brasileiro, recebemos a curiosa carta que a seguir com muito prazer publicamos, na qual se procura esclarecer alguns incidentes ocorridos no Brasil e comentados pelo nosso prezado colaborador Rafael Barradas. Sem dúvida, a distância, os referidos actos podem não ter o significado que deles se desprende, e bem fez o nosso amigo e leitor ao trazer-nos a sua contribuição para julgamento mais perfeito e esclarecido.

«Embora longe da terra portuguesa, longe de seus hábitos, de seu pensar, de sua vida cotidiana enfim, procuro sempre ouvir, através dos jornais e rádio, mantendo-me desta forma informado sobre o que se passa na linda terra de Camões.

Lia há pouco a revista *Stadium*, quando deparei com um artigo em que era abordada uma questão um pouco ingrata para nós brasileiros. Disse que era ingrata para nós, e vou explicar a razão. Realizava-se no campo do Botafogo um clássico do futebol carioca, em que interviam Vasco e Botafogo, disputando com o arde e cavalheirismo costumeiros. Em determinada ocasião em que a bola rondava o arco vascalino deu-se a cena inesperada e que serviu para tantos comentários que embora devêssemos ficar restritos ao nosso país, se espalharam além de nossas fronteiras procurando mostrar a nossa suposta má educação esportiva, o que positivamente não traduz a expressão da verdade. É comum em nossos estádios, antes da entrada dos disputantes, soltarem-se foguetes, cujo único mal que possam causar é o barulho que provocam, que assim mesmo, não dá para assustar ninguém. Aconteceu que no meio do jogo, um torcedor mais entusiasmado, resolveu gastar um foguete que lhe sobrava, mas o fez tão desajeitadamente, que em vez de subir, como é costume, tomou uma direcção totalmente inconveniente, no caso o campo de futebol, e foi, para consternação de todos, estourar perto de um dos jogadores, que apenas levou um susto, nada mais de que um susto. Imagine o presado amigo, que esta cena foi fotografada e enviada para o estrangeiro fazendo-se assim de um acidente sem importância, um motivo de ataque aos nossos brios desportivos. Creio que era ao incidente relatado as referências feitas no início do artigo do sr. Rafael Barradas, «Notas da Semana», de 25-1-1950.

Fala ainda o cronista no seu comentário sobre um desafio em que foram expulsos do gramado os vinte e dois jogadores. Jogavam os São José da Ipiranga e o Rui Barbosa. Saiba o caro cronista que essas dois clubes não pertencem a nenhuma divisão importante, o público que os assiste é reduzidíssimo e o resultado dos mesmos raramente conhecido. A essas duas notícias tão desprovidas de importância para nós dá o comentarista um grande realce taxando-as de conflitos sérios que servem de pano

«Agenda do Condutor de Automóveis»

A «Agenda do Condutor de Automóveis», interessante publicação de iniciativa e autoria do nosso prezado camarada de jornalismo Mario Fernando de Oliveira, atingiu já o seu quinto milhar. merecê de mais uma edição.

Esta é de uma oportunidade flagrantíssima, dada a nova regulamentação do trânsito. Todos os assuntos do mais palpitante interesse são focados na «Agenda do Condutor de Automóveis» — uma publicação de excelente aspecto gráfico, que é um repositório de todas as disposições sobre transportes automóveis e que se recomenda a todos os que necessitam de estar a par destes assuntos.

de amostra para o que há-de acontecer a quando da disputa da Copa Jules Rimet em nosso País.

Outro assunto, referido na «Nota da Semana» fala da desistência da Argentina no campeonato do mundo. Diz o sr. Rafael Barradas que foi um atrito de pequena corteza levantado pelos brasileiros a causa da desistência dos platinos. Não é verdade. A história é um pouco longa mas tentarei por resumir-la. Realmente já teve a Argentina a supremacia do futebol sul-americano; suas vitórias foram de molde a lhe dar esse título. Aconteceu porém que os brasileiros começaram a trabalhar organizadamente tentando trazer a si essa supremacia. Com o advento da diagonal, método de jogo idealizado por Flávio Costa, técnico do C. R. Vasco da Gama, começaram de um modo sistemático a escassear as vitórias dos platinos sobre os quadros brasileiros. Um dos últimos campeonatos ganhos pela Argentina, em seus próprios domínios, teve a deslustrada uma série de golpes e um acto de violência aos jogadores brasileiros, na partida final, sendo que o nosso ponta esquerda foi barbaramente pisado em campo e agredido inclusive por polícias, somente por fazer valer a sua vontade de vencer. Desde então caiu a supremacia dos argentinos. Foi a Copa Roca, em que caíram batidos por 6 a 2 e 3 a 1, foi o Campeonato do Atlético, em que o Vasco arrebatou o título de Campeão dos Campeões Sul-Americanos; foi o último campeonato Sul-Americano de 1949, que ganhámos, sem que a Argentina desse o ar da sua graça, faltando a um compromisso sério que assumira anteriormente. Alegaram a greve dos jogadores que abalava os meios desportivos para a desistência, porém o Uruguai, às voltas com uma séria greve, nem por isso deixou de nos enviar uma selecção de amadores que embora não conquistasse grandes feitos, mereceu o respeito e admiração de todo o povo do Brasil. Até o presente as nossas autoridades desportivas ainda não receberam qualquer satisfação da Afa.

Passado o Campeonato Sul-Americano, os argentinos vieram a público diversas vezes, garantindo a sua presença no Campeonato do Mundo, mas ainda desta vez «raíha dos forfaits» faltaria à sua palavra. A fuga de seus maiores ases para a Colômbia era a nova desculpa. Mas a verdade era bem outra. Talvez desconheça quem o técnico da selecção argentina, Guilherme Stabile, possui dentro da Afa uma influência tão grande quanto a do mais importante dos seus membros. Pois foi usado dessa enorme influência que Stabile vetou a participação da Argentina. Expor-se a uma derrota quase certa não era de seu agrado. Esqueceu-se que o esporte é luta e sacrifício e que, nem só a vitória enobrece e estimula. Todo aquele que compete com lealdade e fibra recebe sempre o aplauso e a admiração. O Brasil gostaria de receber seus irmãos do Prata neste magno certame. Mas já que seus falsos ideais do esporte não o desejam, nem por isso choraremos sua ausência.

Outro assunto que gostaria de abordar, embora já me esteja tornando um pouco longo, é sobre a participação de Portugal na Copa do Mundo. Direi apenas que entre todos os países que buscam o caminho do Rio, Portugal é aquele cuja presença mais desejaríamos festejar, não só pela amizade fraternal que nos une, mas também pelo alto conceito que os jogos do futebol. Li no jornal *O Século* um plesbício sob a participação de Portugal em caso de derrota frente aos espanhóis. Admitindo-a, alguns opinam pela desistência no caso de um oferecimento, frisando que de favor é preferível não comparecer. Penso que não deveriam tomar como tal este desejo tão grande dos brasileiros em ver jogar o Século um plesbício sob a participação de Portugal em caso de derrota frente aos espanhóis. Não imaginam como toda a imprensa do Brasil lamentou a ausência do Sporting nos festejos do cinquentenário do Vasco da Gama. Sei que as possibilidades de vitória no cotejo entre portugueses e espanhóis são idênticas, mas o espírito de luta e a vontade férrea de vencer hão-de ser factores decisivos para que aclamemos os portugueses nos jogos de julho de 1950.

Grupos de futebol da F. N. A. T.



O agrupamento do Contraplacado Severo que se encontra bem classificado para vir a ser um dos apurados pela Série C de 2.ª categoria para a fase final do campeonato. No 1.º plano, da esquerda para a direita: J. Manuel, F. Sousa, Baptista, Santana e Saraiva. De pé: Esteves, Tiago, Humberto, Henrique, A. Couchinhas e J. Espadana

ANDEBOL

Técnica e Tactica

Como se joga e como se treina

IX

O ATAQUE CONTRA O MURO

— Embora nos mostremos adversários do sistema defensivo pelo muro, maneira negativa de jogar, monotonizando e tornando lento a evolução da partida, facilitando os choques irregulares e a dureza nas intervenções — «felo jogo, pouco espectacular, violento, irregular, elvado de individualismos», escreve a seu respeito J. de Reite — é de nosso dever, procurar os meios para o combater e lhe frustrar os propósitos. Se conseguíssemos organizar uma tática ofensiva que lhe anulasse a eficácia destrutiva, teria desaparecido a sua própria razão de ser e o seu uso seria abandonado, até pelos seus actuais e entusiasmados partidários.

É claro que qualquer tática a aplicar exige de equipe que a puzer em prática os conhecimentos técnicos suficientes e, sobretudo, uma linha com remetedores poderosos e hábeis.

No ataque e uma defesa constituída em muro, podem apresentar-se dois casos:

1.º. A tentativa antecipa-se à formação do muro. É um problema de velocidade. Logo que a bola vem ao poder da equipa, transmite-se o mais rapidamente possível à linha avançada (de preferência por passes longos e precisos). Os atacantes conseguiriam assim apresentar-se ante uma defesa desorganizada de sua formação habitual e inexperience na forma de marcação individual e que vai ser obrigada. Se o bloco defensivo adversário apresenta um muro incompleto, os avançados saberão encontrar rapidamente o ponto fraco de onde despedir o remate.

Em resumo: passagem imediata da bola da defesa para o ataque, de maneira tal que os avançados

contrários, forçados a rápidas deslocções, acabem por cansar-se, diminuindo a incidência dos seus ataques e passando a problemáticos e seus sucessivos recuos à linha do muro.

Os contra-ataques desenvolvendo-se, a maioria das vezes, a partir de uma intercepção, do lançamento em jogo pelo guarda-redes ou de uma reposição em jogo pela linha lateral.

2.º. Se o muro já está construído quando os avançados alcançam a zona de ataque, o assédio deixa de ser urgente e é preferível bolear, permite-se-me o termo, delongiando deslocar algum elemento do bloco antagonista e abrir brecha mais por manha do que pela força.

Como o muro se desloca em função da posição da bola, a melhor tática será fazê-la passar rapidamente de um lado para o outro do terreno. Cada vez que a bola muda de lugar a defesa é obrigada a mudar de posição e, se a cadência dos passes for suficientemente veloz, a defesa não terá tempo para se adaptar e acabará por abrir brecha, deixando passagem ou caminho livre para o remate.

Os avançados em acção contra uma defesa formando muro, encontram-se praticamente nas mesmas condições do marcador de um livre com o bloco pela frente, agravadas ainda pela circunscrição de não haver distância regulamentar a respeitar.

A tática do muro, com todos os inconvenientes apontados é, inequivocamente, eficaz. Os suecos, na Taça do Mundo, em Paris, applicavam-na com mestria, mas porque os seus jogadores possuem excepcional preparação física, resistência e fôlego que nos nossos praticantes são meramente utópicos.

SALAZAR CARREIRA

NOVO ÊXODO DE PROFISSIONAIS PARA A COLOMBIA

O dr. Heleno de Freitas, grande jogador brasileiro, conhecido pelo «Médico e o Monstro» é arrastado para a Colombia por 1.100 contos!

(Especial para «Stadium», de nosso redactor Candeias Alvarez)

DEPOIS de aliciarem os melhores *cracks* de futebol argentino, os dirigentes da Colombia voltam os olhos para o Brasil.

País fértil em petróleo, banana e café, a Colômbia vivendo principal e principescamente desses produtos, que criaram à sua volta uma áurea de país rico, nunca conseguiu posição de destaque na prática desportiva, e muito especialmente no futebol. Apesar das inúmeras tentativas feitas com o nativo os colombianos depois de muitos e contudentes reverses no campo internacional, resolveram ir «pescar noutras águas» a reputação futebolística que tanto detejam. Dispondo de capital necessário em nada se incomodaram com os pedidos fabulosos dos Pontonis e Di Stefanos. Romperam-se contratos em toda a Argentina.

Armaram-se escánda-los de se lhe tirar o «chapéu» e o resultado é que findos dois anos de emigração o futebol platino sentia-se tão enfraquecido que a instâncias da Associação de Futebol Argentina o governo do general Peron resolvia meter-se no assunto e criar leis que quase proibiam a saída para o estrangeiro de profissionais platinos.

Mas para os colombianos, essas duas dezenas de *cracks*, argentinos e uruguaios não bastavam. Eles queriam formar equipas de clubs onde predominassem os argentinos, uruguaios e brasileiros, criando dessa forma uma rivalidade que levasse aos campos de futebol massas compactas de aficionados.

Fechadas as portas do Prata e-los de olhos voltados para o Brasil. E há dias chegou ao Rio de Janeiro um emissário, o sr. Mário Abello, que muito sigilosa-

mente começou a trabalhar. Falou com um, depois com outro e a bomba rebentou: Heleno de Freitas, o irrequieto avançado-centro da selecção do Brasil, do Botafogo, Boca Júnior de Buenos Aires e Vasco da Gama era o visado.

Ora, o dr. Heleno de Freitas, continua a ser aquele mesmo jogador que dentro do retângulo de jogos não respeita seja quem for. Aquilo que tem de *gentleman* na vida privada perde por completo quando enverga seja que equipa fôr. É uma autêntica criança grande que pede e exige a bola seja em que condições e que, —usando o termo bem brasileiro— xinga com os companheiros de equipa sem consideração. Essas suas actividades que deram ao a criação da lenda de que a semelhança entre o dr. Heleno de Freitas, e o «Médico e o Monstro» era grande, já originaram a sua suspensão no Vasco da Gama, onde últimamente militara. O famoso avançado-centro, nestes últimos meses somente vai ao Grémio Cruzmaltino para receber os vencimentos. Mas continuemos: É ideia dos colombianos dar ao seu futebol e ao nativo praticante integrado numa equipa de *cracks* os conhecimentos técnicos e táticos que amanhã, num amanhã que virá de certeza longe, lhes dê a posição tão almejada e para a qual não olham a meios. Pensam eles que com o êxodo as rendas dos jogos aumentarão de forma a permitir arcar com os pesados encargos de manterem equipas a peso de ouro. Sará que conseguirão os resultados desejados? O tempo o dirá!

Pois o sr. Abello muito confidencialmente foi levando a água ao seu moinho. Como director do

Atlético Junior de Barranquilla, soubemos que conseguiu fechar contrato com Heleno de Freitas, na base de 225 mil cruzeiros de luvas e mais 40 mil cruzeiros de vencimento mensal, afóra os prémios de jogos.

Diz sua senhoria que o contrato de Heleno bate todos os recordes, inclusivé o de Pontoni, cujo preço orçou em quase 900 contos, ficando o contrato do avançado-centro brasileiro, por 2 anos em mais de 1.100 contos.

Mas não vão ficar por aqui as aquisições do sr. Abello. Mirim, o centro mélio do Bangu, Mexicano, do Atlético Mineiro, Borascoches, agora sem contrato e Tim do Botafogo, estão nas suas cogitações, além de um defesa-central, cujo nome não revelou e que se encontra em S. Paulo.

Heleno é pois o primeiro que está de malas prontas para embarcar, mas parece que chegou o

momento de um outro comparsa se meter no assunto.

O Vasco da Gama, pela palavra do seu director de futebol sr. Victorino Carneiro, ouvido pela nossa reportagem declarou-nos: que ainda não sabia quais as providências que o clube iria tomar visto só depois de falar com o major Otávio Povoas, presidente do Vasco, poder dar uma solução ao assunto, mas demonstrou encontrar-se bastante surpreso com o sucedido, chegando a afirmar que se for possível obter a interferência da policia, desde que para isso haja o apoio das leis trabalhistas nesse sentido, imediatamente evitará a fuga do jogador. O importante é evitar que se concretize essa fuga, uma vez que existe um contrato entre o Vasco da Gama e Heleno de Freitas, que somente terminará em 1951. Dessa forma, rompe um compromisso existente e o qual tem sido mantido pelo clube, apesar da dispensa formal do jogador, ver-nos-emos na contingência de entrar com uma acção judicial a fim de defendermos os nossos interesses.

É assim prezados leitores. O sr. Heleno de Freitas continua a dar que falar e a ocupar a primeira página dos jornais desportivos, apesar de se encontrar em inatividade forçada.

PRESTES SALGUEIRO

A morte do comandante António Prestes Salgueiro lamentada por quantos o conheceram e apreciaram, fez desaparecer um grande desportista português.

Com a camisola negra do velho Internacional, nos tempos da sua gloriosa actividade atlética, Prestes Salgueiro conquistou em 1914 o recorde nacional da corrida de 110 metros com barreiras e o seu nome conservou-se durante 14 anos na tabela dos recordistas.

Foi, em todos os actos da sua vida um desportista cem por cento e, com a saudade de antigo camarada de pista que deixamos sobre a sua campa, em comovida homenagem singelamente vamos evocar a sua mais bela, mais nobre proeza desportiva.

Promovido a guarda-marinha em 1915, Prestes Salgueiro embarcou pouco depois no «Adamastor» e seguiu para o norte de Moçambique, onde as nossas tropas, depois da tomada de Ktonga, se batiam contra os alemães nas margens do Rovuma e onde um ano mais tarde o destino nos havia de levar também.

Foi lá, da boca de um oficial que tomara parte na operação, que recolhemos o relato da heroica façanha de Salgueiro.

Em 27 de Maio de 1916, tentaram as nossas forças a travessia do Rovuma e o estabelecimento de uma testa de ponte na margem alemã. O inimigo estava fortemente entrincheirado nas suas posições, mas conservara-se em silêncio durante dias, não respondendo sequer aos nossos tiros de artilharia.

A hora indicada, uma companhia indígena formara na praia, esperando pelos escaletes do «Adamastor», nos quais embar-

cou, decorrendo a operação sem embaraços até chegarem a cerca de cem metros da praia inimiga. Começaram então a falar as metralhadoras germânicas, dizendo os desprevenidos tripulantes. Na lancha onde seguia o tenente Ferreira, comandante do destacamento, só ele ficou vivo, ainda que bastante ferido. sem mãos que o guiassem, o barco foi levado pela corrente, encalhar num baizão, a meio do Rovuma, que neste ponto mede uns oitocentos metros de largo. Com a enchente a lancha flutuou de novo e foi atirada para a margem alemã, onde o silêncio voltou a reinar.

Reunindo forças, o tenente Ferreira saltou em terra e começou acenando para o lado português, na esperança de que pudessem vir buscá-lo, agora que cessára o tiroteio.

O guarda-marinha Prestes Salgueiro, que andava do lado português em busca de um camarada que tomara parte no ataque e cujo destino se ignorava viu, além rio, um homem que agitava os braços e, pensando que talvez fosse o amigo, não hesitou em atirar-se a nado, cruzando as águas onde os crocodilos abundam.

Audaces fortuna juvat! Prestes Salgueiro atingiu sem precalço a margem oposta, colocou o tenente Ferreira sobre um pansiro da lancha e, remando com os braços sobre a improvisada jangada trouxe-o a salvamento, sem que os alemães, que haviam assistido a toda a manobra, disparassem um único tiro.

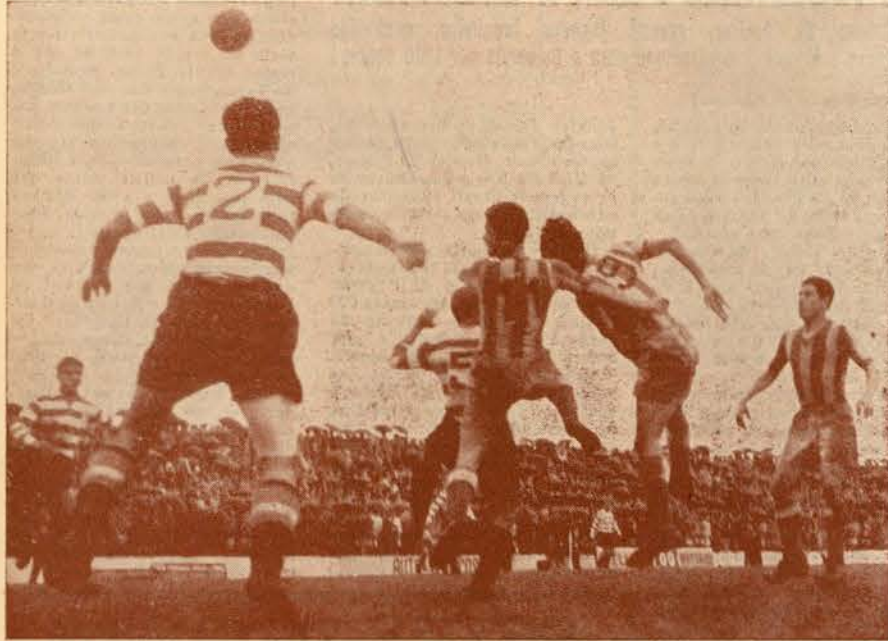
Que magnífica proeza desportiva, a deste grande e malogrado capitão!

SALAZAR CARREIRA



VILA REAL 1-BOAVISTA 4 - A jogada de que resultou a bola do Vila Real, marcada por Rocha, apesar de ter na sua frente uma verdadeira muralha defensiva

GRANDE EXIBIÇÃO DO ATLÉTICO



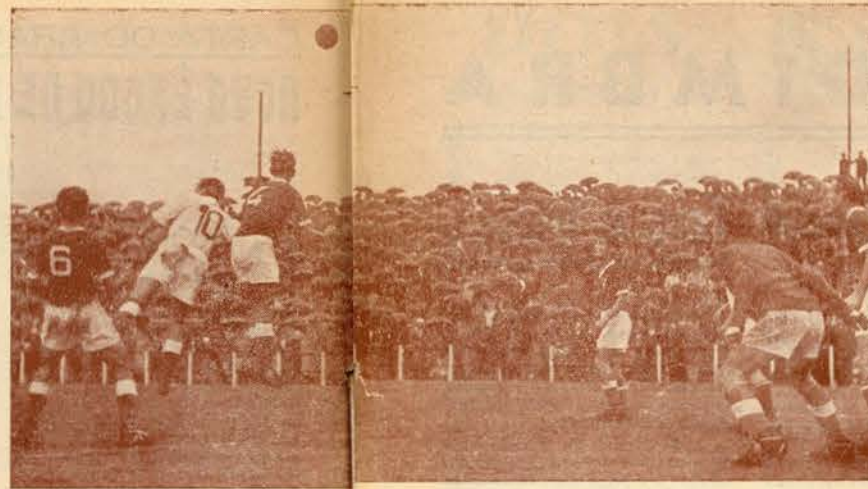
Barrosa e Manuel Marques intervêm num golpe de defesa em que estão empenhados directamente Ganinhas e Ben David



Azevedo faz uma defesa por alto. Juvenal segue o lance com extraordinária atenção



Juvenal e Barbosa saltam ao mesmo tempo à bola!



Junto das balizas do Lusitano onde se veem cinco elementos, Rogério emprega-se na jogada de ataque

Benfica aproxima-se mais do título



AO LADO — a luta trava-se com entusiasmo
EM BAIXO — Diamantino e Teixeira, os novos do Benfica, colocam em dificuldade a defesa do Lusitano



Belenenses derrota o Estoril



Toda a defesa do Estoril luta com denodo, afastando o perigo provocado pelas unidades de Belém



Bravo, Sidónio e Diogenes desenvolvem uma avançada que termina com uma defesa de Sebastião



O defesa Gato interrompe a caminhada dos avançados de Belém

PROBLEMAS DO FUTEBOL

Táticas parciais e globais

EM futebol existe, na realidade, a tática parcial, talvez melhor, a tática individual ou seja a missão estratégica que a cada um compete, isoladamente.

E existe, sobretudo, em relação aos homens da defesa, em virtude do próprio processo de jogo, diferente e oposto ao do ataque.

Poderá então o primeiro (jogo de defesa) desligar-se do sentido global, sabendo-se que este jamais pode deixar de estar na base de todos os movimentos da equipa?

Pela função e finalidade há, com efeito, um momento em que os jogadores da defesa surgem como valores isolados do conjunto, momento esse que aparece no instante do corte do lance.

Objeção-se-á que o mesmo sucede, ou pode suceder, relativamente aos homens do ataque quando ganham a posse da bola, e não até quando a transportam e, com efeito, a objecção terá alguma razão de ser, pois que então se dá como que uma repetição do mesmo instante.

Simplemente haverá a considerar o local onde o acontecimento ocorre, dado no jogo as várias zonas do terreno se revestirem da própria e especial importância, visto a «mecânica» dos lances não ser, ou não dever ser, igual em todos os pontos do campo, por exemplo, junto da baliza que se defende ou da baliza sobre a qual converge o ataque.

Por consequência, há uma diferença favorável ao individual entre um jogo e outro, isto é, entre o ofensivo e o defensivo e as táticas não o deverão esquecer ou desprezar, quer como valorização delas mesmas, quer ainda como valorização do próprio futebol.

Se uma defesa pode resolver, só por si, uma dificuldade, já em idênticas circunstâncias um atacante encontrará na solução da sua dificuldade maiores embaraços, resultantes da posição e do mais elevado número de obstáculos a vencer.

A tática individual admitir-se-á, tornar-se-á aceitável e aconselhável em variados casos de jogo de defesa, mas não é recomendável quanto ao ataque, inclusivê pela própria existência da primeira.

Se se reconhece a verdade desta,

As equipas e o problema das receitas

ESTA época, no Estádio Municipal de Coimbra, os jogos Académica-Sporting e Académica-Benfica produziram receitas que figuram entre as maiores do Campeonato Nacional. Passou bastante além dos duzentos contos a primeira e ficou à birinha dos cento e cinquenta a segunda.

Sabe-se que os dois maiores clubes da capital, interessados sobremaneira nos resultados desses encontros, trouxeram a Coimbra muito público.

Porém, não dispusesse o clube dos estudantes de um conjunto de magnífico valor e, com certeza, as cifras não atingiriam expressão tão elevada...

A verdade axiomática de que são as grandes equipas que tornam possível as grandes receitas teve, pois, nova confirmação.

O futebol, como espectáculo de proporções grandiosas, necessita de vários e múltiplos alicianes e estes só lhes podem transmitir as equipas capazes de desenvolver jogo à altura da grandeza do cenário, tornando-o ao mesmo tempo uma bela manifestação atlética e emocional.

Foi assim, e assim e há-de cada vez ser assim mais.

Este importante aspecto da questão não pode, de modo algum, ser esquecido pelos orientadores dos clubes.

E importa atende-lo e cuidá-lo, à medida que o futebol vai ganhando maior soma de adeptos do jogo — o público que ocorre aos desafios que têm como principal atractivo o «association» pleno de classe.

Em Coimbra, onde a existência de um avultado número de espectadores esclarecidos e sabedores é já um facto, onde há, na realidade, um gosto profundo pelo jogo bem delineado, para cujo desenvolvimento a equipa da Académica tem contribuído imensamente, o problema revestir-se-á, porventura, de formas e condições muito especiais.

Por esta razão o focamos.

De resto, o próprio meio, a localização da cidade, coreção de uma região populosíssima, servida por boas e rápidas comunicações, ajuda e facilita a solução dos casos.

A certeza das avultadas assistências é um facto de que já não se duvida.

E a esta certeza terão os clubes de corresponder — com boas equipas. Não têm mesmo outra maneira...

E' vasto e complexo o problema dos conjuntos de categoria.

Começa nas «escolas» de juniores, passa pelos técnicos e orientadores e só termina nos «teams» principais. Caminho longo a percorrer, indubitavelmente.

Mas começando exactamente nas «escolas», obedecendo rigorosamente ao princípio basilar da orientação perfeita, chegar-se-á, por fim, ao bom termo da jornada.

As boas equipas não se improvisam. «Constroem-se», jogador a jogador, paciente e seguramente.

há que procurar anulá-la não pelos mesmos, mas por processos totalmente dissemelhantes.

Com frequência se observam nas linhas deanteiras movimentos isolados de um ou outro homem que, há força de repetidos, dão imediatamente a ideia de obediência rigorosa a uma rígida disposição estratégica. E observam-se quase sempre em relação aos avançados-centros, com o intuito de frustrar a acção do médio-centro contrário. Porém, de tal modo aquele se movimenta e exagera as desmarcações que, invariavelmente, o plano reduzida em fracasso, já por o último não se deixar cair no logro, já pelo primeiro não variar o processo, acabando por peça inútil de um maquinismo que sem ele não pode funcionar perfeitamente.

Se outro jogador não puder substituir de pronto e de pronto transformar-se no avançado-centro sem o qual as ofensivas não assumem hoje a sua verdadeira e irresistível incidência, pergun-

Ecos & factos...

Confirma-se a extinção da secção de futebol do Sport. Diz-se que alguns dos seus elementos ingressarão na próxima época na Académica, Marialvas e Anadia. O União parece também interessado em dois ou três.

✦ A viagem da Académica à Bélgica está definitivamente assente. A equipa partirá de avião no dia 7 de Abril e é provável que no regresso faça um jogo na capital francesa com o Paris Universitário Clube.

✦ O Marialvas está interessado na transferência do antigo jogador da Académica e do Benfica, Manuel da Costa, que utilizará como jogador-treinador na próxima época.

✦ Na próxima época operar-se-ão grandes transformações nas direcções das secções de futebol dos principais clubes de Coimbra, especialmente pelo que diz respeito aos seus elementos técnicos. O Lusitano está interessado de novo em conseguir treinador privativo. O Lousanense e o Saurense estão também empenhados em obter o concurso de jogadores-treinadores.

✦ A comissão distrital de árbitros da A. F. C. está a levar a efeito uma série de interessantes palestras realizadas pelos próprios juizes de campo, debatendo todos os problemas da arbitragem. Estas são proferidas às quartas-feiras na sala das assembleias gerais da A. F. C. e têm sido muito concorridas. A ideia merece todos os louvores, pelo seu contributo para o esclarecimento das questões mais importantes da matéria.

✦ Os juniores de futebol do clube escolar continuam a chamar aos seus jogos muito público. Com efeito, as exhibições da equipa, sem dúvida das mais habilidosas que a Académica tem apresentado nas últimas épocas, particularmente pelo sentido revelado pela sua linha de ataque, têm sido interessantíssimas. As actuações do extremo direito, por exemplo, estão a ser seguidas com um entusiasmo extraordinário por seus adeptos dos «capas negras».

✦ Estranha-se, e com razão, vamos lá, que o extremo-direito Morgado, dos melhores elementos que têm passado pelos juniores da Académica, não haja sido chamado a novas provas nas equipas superiores.

✦ Luís Lopes, um junior do União, que esta época já alinhou várias vezes pela equipa principal, deu provas definitivas no encontro com o Académico de Viseu. Os «azuis» devem ter encontrado nele um extremo de reais qualidades. Pelo menos, a sua actuação no referido jogo assim o deixa antever.

Consta...

— que se fala na vinda de Szabo, treinador do Sporting da Covilhã, para um clube local.

— que Freitas, do Futebol Clube do Porto, que está a estudar em Coimbra, ingressará na próxima época no clube escolar.

— que as equipas de atletismo do Centro Universitário da M. P. e da Associação Académica, preparadas por Moniz Pereira, farão a sua apresentação em público na «Tarde Desportiva» da Festa da «Queima das Fitas», num festival a realizar no Estádio Municipal.

ta-se o que se lucra com tal tática. O que lucra a equipa que ataca...

O partido de dela tiram as que se defendem, estamos nós a ver todos os domingos.

ADRIANO PEIXOTO

* DOIS * comentários...

1 Até agora, ainda Augusto Silva não resolveu a sua situação com o F. C. do Porto. O conhecido e considerado treinador tem os seus pontos de vista sobre a maneira de actuar e de servir o futebol, e não deseja dar qualquer passo em falso.

A gerência do clube campeão, que ainda não tomou posse, talvez não deseje também tomar responsabilidades de vulto, e daí nada se haver feito no sentido de arrumar o caso.

Teremos pena se Augusto Silva não ficar nesta cidade. O seu espírito conciliador, o seu saber e a sua educação, serviriam com certeza ao futebol da capital do Norte com a autoridade que outros não conseguiram demonstrar.

Augusto Silva é um caso especial para o futebol nacional, pelo menos. O treinador do F. C. Porto dedica-se com entusiasmo à sua profissão, conversando serenamente com o jogador, ajudando-o a vencer dificuldades, servindo-lhe de guia e de mestre sem criar atritos.

Educado, Augusto Silva conquistou sólidas amizades em pouco tempo. Entre a massa associativa do clube, entre os dirigentes, e até entre os adversários, sabe-se que Augusto Silva é uma dedicação e um valor.

Espere-se, por isso, que Augusto Silva fique definitivamente no Porto e no clube que o chamou numa situação difícil. Se tal não acontecer, lamenta-se o facto com sinceridade.

2 Para justificação do que temos esboçado sobre as eleições da A. F. do Porto, tirando dúvidas a quem suponha tratar-se de uma campanha e não da defesa dos direitos dos clubes, transcrevemos o art.º 46 do capítulo «Eleições».

Eis a sua doutrina:

«A eleição dos corpos gerentes recairá em pessoas idoneas, indicadas pelos clubes e a sua escolha far-se-á em reuniões preparatórias, convocadas pelo presidente da assembleia geral, as quais terão lugar sob a sua presidência, devendo a última reunião preparatória realizar-se até cinco dias antes do designado para a eleição.

§ 1.º — Para os efeitos deste artigo, cada clube, por intermédio do seu delegado às reuniões preparatórias ou, até à véspera da última reunião, por meio de ofício, indicará o nome de três pessoas, nas quais possa recair a eleição.

§ 2.º — As reuniões preparatórias a que se refere este artigo, só se consideram legalmente constituídas e a funcionar regularmente, estando representadas todas as Divisões; e as resoluções serão tomadas por unanimidade ou por maioria dos delegados presentes, sendo nulas e de nenhum efeito as deliberações tomadas em reuniões isoladas de quaisquer divisões.

E ainda para fins que não pos-

Stadium na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Curiosidades... A Volta a Portugal será organizada novamente na capital do Norte

O jovem amarantino que há uma ou duas semanas tentou discussão levantou, sempre ficou «preso» ao F. C. do Porto. As peripécias foram muitas — mas ineficazes para certo grupo...

◆ Calcula-se que Augusto Silva faça descansar Romão e Gasão, médicos de ataque do F. C. do Porto. De facto, nota-se-lhes certo abalamento físico.

◆ Há grupos que já procuram reforços. Quase todos procuram jogadores novos e nas divisões inferiores.

◆ Foi noticiado que Baptista regressaria brevemente ao 1.º grupo do F. C. do Porto. O treinador, porém, ainda o não viu actuar após uma recente intervenção cirúrgica. Logo todas as afirmações serão arrojadas.

◆ Vieira regressou aos treinos depois da doença que o acometeu.

◆ Está em Braga um avançado-centro de um grupo da 2.ª Divisão Nacional.

◆ Causa surpresa o facto da nova direcção do F. C. do Porto ainda não ter tomado posse. Diz-se, todavia, que há muitos assuntos de importância pendentes...

◆ Aílton Lambertini só depois de desobrigado pelo F. C. do Porto poderá concorrer pelo Centro Ciclista de Gelo. O mesmo deve acontecer com seu irmão Dino Lambertini, «preso» ao Boavista.

◆ Jorge Valmijano continuará a defender as cores do F. C. do Porto, embora convidado a alinhar pelo Académico.

◆ Todos os ciclistas do F. C. do Porto assinaram a ficha menos Dias Santos. Quanto a este corredor, já dissemos que o clube norteño não se mostra disposto a aceder a qualquer pedido.

◆ Do F. C. do Porto para Leixões talvez venham a sair 3 jogadores bastante conhecidos. Trata-se de gente que já conhece os ares...

sem ser deturpados, julgamos ainda oportuno transcrever a alínea e) do artigo n.º 48:

São nulas de direito as votações:

«em indivíduos que tenham feito parte dos corpos gerentes há menos de dois anos, como representantes de outros clubes, salvo quando os clubes que representavam tenham sido eliminados ou, por outro qualquer motivo, deixado de ser filiados na A. F. do Porto».

Para a semana faremos mais algumas referências ao peso desta doutrina, despresada nas últimas eleições da A. F. do Porto.

CHEGARAM até nós notícias de serem os grandes jornais «Diário de Notícias» e «Mundo Desportivo» os organizadores da próxima «Volta a Portugal» em bicicleta. Mas, posteriormente, afirmaram-nos que as coisas se vão passar de outro modo: a Associação de Ciclismo do Norte e a Federação Portuguesa de Ciclismo, de colaboração com um diário da tarde portuense, procuram resolver todos os problemas no sentido de promover a «Volta» em moldes diferentes da época lida.

Entretanto, confirmam-se as nossas suposições respeitantes à posse de uma gerência recentemente eleita, presidida pelo conhecido desportista José Danas. A gerência actual da A. C. do Norte ficará mais um ano, e assim o comunica ao público desportivo por intermédio do seguinte comunicado:

«Para evitar más interpretações quanto ao motivo que originou a Direcção desta Associação a continuar a exercer os seus cargos durante o corrente ano, vimos comunicar publicamente os factos acontecidos.

Não é verdade que esta Direcção fosse compelida por alguém a continuar nos seus cargos, devido aos débitos existentes e referentes à «Volta a Portugal de 1949». Antes pelo contrário, foi reconhecido o enorme esforço e sacrifício que se empregou para resolver esse assunto.

Acontece que os Corpos Gerentes da A. C. N. foram eleitos para o biénio de 1949 e 1950, mas como a assembleia geral foi realizada antes da data determinada oficialmente, mediante autorização superior, isto para eleitos de representação num Congresso da Federação Portuguesa de Ciclismo, nas entidades oficiais foi interpretada a eleição como para os anos de 1948 e 1949.

A Direcção da A. C. N., verificando pelo «Diário do Governo» que apenas tinha sido sancionada para 1949 e, cumpridora fiel das determinações oficiais, pediu a convocação da respectiva assembleia geral, para eleição dos novos Corpos Gerentes.

Neste decurso, nas instâncias superiores verificava-se o lapso havido e não houve outro remédio do que dar por nula a referida assembleia geral.

Já estão, finalmente, apuradas as contas da «Volta a Portugal de 1949», as quais foram devidamente postas em ordem por um guarda livros diplomado e sob a orientação do administrador geral, sr. Artur Marta, as quais foram encontradas em devida ordem.

Essas contas apresentam os seguintes números, quanto ao deficit constatado:

| | |
|-------------------------|------------|
| Débitos em prémios..... | 64.003\$05 |
| Idem aos Clubes..... | 32.503\$65 |
| | 96.506\$70 |
| Débitos de Clubes..... | 4.049\$80 |
| Total..... | 92.456\$90 |

Continuamos a envidar todos os esforços no sentido de obter meios para liquidar este débito e, estamos esperançados de, dentro de poucos dias, se poder comunicar a solução deste assunto.

A actual direcção da Associação de Ciclismo do Norte reunia-se já com a Federação, e tem trabalhado empenhadamente na preparação da prova.

Aos clubes que praticam ciclismo vão ser dadas todas as satisfações, afirmando-se-lhes ao mesmo tempo que devem ser cumpridos todos os compromissos passados e presentes.

Oxalá a prova deste ano corresponda em absoluto à sua importância. E oxalá, também, que as dificuldades de ordem desportiva e financeira não surjam no volume da época que terminou.

O Porto, disso temos a certeza, saberá corresponder. Assis-tindo à partida e assistindo à chegada. Aplaudindo, ainda, quem trabalhar bem e dedicadamente.

Ouvindo Arsénio!

«NÃO É VERDADE QUE EU LEVE VIDA DESREGRADA»

— afirma o pequeno atleta do Benfica

É uma figura lípica, no Benfica, o pequeno interior direito da equipa principal de futebol do clube dos «encarnados».

De estatura que não vai além de mediana — ombro a ombro com Trevassos formariam um «duo» curioso na Seleção Nacional, até pela equiparação do valor que outras possuem — o Arsénio Trindade Duarte, que no Barreiro nasceu em 16 de Outubro de 1925, está no Benfica há seis épocas — desde 1943/44 — e tem sabido conquistar entre a massa associativa do popular clube um grau de afectividade a que poucos podem gabar-se de ter ascendido, e que ele merece em absoluto, acrescentemos.

Ouví-lo para a nossa Revista, era um desejo que alimentávamos, desde há muito, mas que só agora concretizamos — dada a natural modéstia do Arsénio. Porque ele é modesto, acreditem. Tanto, que quando se lhe fala em injustiça por ainda não ter sido chamado à equipa das cinco quinças, o nosso pequeno «gavroche» de lípica boina «espanhola» e acamora um cabelo revoltado, não tem uma palavra de revolta — mas apenas este comentário simples:

— Se ainda lá não fui, alguma coisa existe! Nós, sinceramente, não a vemos.

Vamos adiante, porém, e registemos a conversação que mantivemos há pouco mais de oito dias — logo depois da brilhante exibição do «pequeno-gigante» em Santarém, frente ao Elvas — com o interior direito do Benfica.

A abrir e «escramental» pergunta:

— Como iniciou a sua actividade futebolística?

— Oficialmente, em 1941/42, com 16 anos, nos juniores do Barreirense. Foi deste clube que passei para o Benfica, ao fim de duas épocas, e aqui me mantenho, ainda.

— Com satisfação?

— Pois claro. O Benfica é como que uma grande família onde todos respiram e vivem um ambiente de amizade pura, e onde o atleta se

sente acarinhado. Desta forma, quem é que não gostaria de jogar no primeiro clube de Portugal?

— E' só o futebol que pratico?

— Faço também besquetebol, para manter a minha forma física num grau de eficiência que me permita servir o meu clube em boas condições.

«Mas, por compellção, pratico apenas o futebol — modalidade que me emociona gran-



Arsénio é um jogador que nunca desanima, fazendo sempre uma perseguição renhida

damente, e que me tem dado as mais gratas recordações da minha vida de desportista praticante.

— Já agora, quais são os que mais profundamente recorda?

Arsénio concentrou-se escassos segundos, e voltou-nos, com um brilho de satisfação no olhar:

— As melhores recordações da minha vida futebolística foram as magníficas vitórias que a minha equipa obteve sobre as famosas turmas do Racing de Buenos Aires, e do Torino. A agradável recordação da vitória sobre esta — diz-nos Arsénio — está ligada à minha recordação mais triste, provocada pelo brutal desastre de Superga. Quando no Barreiro ouvi a rádio lançar a notícia da morte desses simpatíssimos rapazes e extraordinários jogadores, em companhia dos quais eu evoluí durante poucas horas antes no Estádio do Jomor — veri alguns dos mais amargos lágrimas da minha vida...

— Dos jogos que já disputou, guarde alguma recordação desagradável.

— Sim, de um, pelo resultado. Refiro-me ao jogo que perdemos por 4-1 frente ao Sporting, o que nos custou o título de campeões nacionais. Também não posso esquecer a tarde desastrosa, com tudo a sair-nos mal, em que perdemos no nosso campo com o Elvas.

«Enfim... coisas da bola».

Concordamos com Arsénio, e resolvemos deixar coisas tristes.

— Citamos a amizade que existe entre os rapazes da sua equipa, como um dos factores que tem concorrido para alguns triunfos expressivos. Que nos diz sobre isso?

— Que é verdade. A sólida amizade que nos une pesa bastante na balança das nossas possibilidades. Demo-nos todos maravilhosamente, e



crelo que em qualquer outro clube não pode haver mais união e camaradagem. Foi sempre assim no Benfica — pelo que vejo, e pelo que tenho ouvido. Mas não poderia ser de outra forma, actuamente, dado o sólido moral de que dispomos, reforçado pela competência do nosso treinador, «mister» Ted Smith, e pelo estímulo amigo do carinhoso dirigente que é o sr. Francisco Reloria.

«Com tais trunfos — rematou Arsénio — iremos ganhar o campeonato em curso».

— Quais são os companheiros de luta que mais admira?

— Todos os do Benfica — sem distinção. E além deles: Azevedo, Vesques, João da Palma, Cebrito, Pacheco Nobre, Pascoal (do Barreirense), Valente, do Lusitano da minha terra, e Araújo — um jogador que bastante lamento estar afastado do futebol por doença.

— Quantos golos conta na sua carreira?

— Não posso precisar, pois nunca os contei. Entretanto, suponho que devem atingir um número bonito, pois já lá vão 9 épocas desde o meu primeiro jogo na equipa principal do Barreirense, contra o Sporting.

— E como gosta de rematar?

— Em corrida. Os golos obtidos quando vou lançado na carreira e não penso na preparação do remate, satisfazem-me mais, porque são espectaculosos, e porque raramente dão tempo aos guarda-redes para esboçarem a defesa.

— E usa os dois pés, quando os joga?

— Sim. Entretanto, meto mais vezes o pé direito do que o esquerdo.

— Para treinar, segue algum método especial?

— Sigo o método de cumprir à risca as instruções do meu treinador, e as lições proficientes do professor de ginástica. São eles que me orientam e me indicam a tarefa a cumprir.

— E o lugar que prefere, qual é?

— Aquele em que jogo.

— Como encara os jogos de maior responsabilidade?

— A princípio, com um pouco de nervosismo. Mas tudo passa, depois.

— E se a sua equipa sofre um golo nos minutos iniciais?

— Não me sinto desorientado. Antes pelo contrário. Cada golo do adversário, é uma vergastada que sinto, a aumentar em mim a vontade de jogar, e de ir para a vitória.

«Acho, até, que esses jogos dão mais emoção à partida, por nos permitir «errar os dentes», e ir à conquista de uma reviravolta que



Arsénio, tal qual se apresenta na vida social



LEIXÕES 2-VILA REAL 0 — Costa Pereira, avançado-centro do Leixões, controla bem a bola, rematando às redes sem perigo...



ACADEMICO 5-TORRIENSE 3 — Indalécio, guarda-redes do Torriense, saiu fora de tempo, e os de Viscu marcam a primeira bola

Braga vence Setubal



AO LADO — Um remate de Cassiano defendido em última instância por Matcus e Primo. **EM CIMA** — Elói cominha retilinamente, e o remate vai partir...



OS NOVOS DIRIGENTES do Belenenses

A nova direcção do Belenenses, a que preside o sr. capitão Vilalobos, tomou posse. O acto foi muito concorrido. O sr. dr. Coelho da Fonseca discursa no momento dos novos dirigentes receberem o mandato. Ao lado vê-se o sr. Acácio Rosa, presidente cessante.

nos traz satisfação. A nós, e à massa associativa do clube.

— Por massa associativa do clube: — que impressões guarda dele?

— Acho que o público — embora seja, por vezes, a mala incentiva de vitórias que temos alcançado, nem sempre se porta justamente nas apreciações que nos faz, e algumas considerações que expende acerca do nosso comportamento em campo.

«O público — e havia na voz de Arsénio alguns laivos de emoção, quando assim nos falou — esquece-se com muita facilidade que o jogador de futebol não deixa de empregar-se sempre com a mesma vontade, e não nos perdoo uma tarde infeliz. As coisas nem sempre nos correm bem, enenhum de nós tem menos amor ao Benfica do que aqueles que estão por detrás de nós. No meu caso pessoal, tenho até

que manifestar tristeza por saber que alguns adeptos da bola me acusam de levar uma vida pouco propícia à prática do futebol. E no entanto posso garantir-lhe que é falsa a afirmação. Levo uma vida regrada, delendo-me normalmente cedo, e passo o meu tempo entretido no clube modesto do Barreiro de que sou director.

«Se mais não jeço pelo Benfica, podem crer que é porque mais não sei.

— Já que falamos nisso, diga-nos a sua opinião sobre o profissionalismo.

— É problema complexo demais para mim. Entretanto, creio que — devidamente regulamentado — trará melhoria ao nosso futebol.

Já perto do final da hora que entretivemos conversando, perguntámos-lhe se gostaria de vir a ser «internacional».

— Creio que sim. Entretanto, talvez nunca

lá chegue. A crítica pouco aponta o meu nome — talvez porque não o encontra digno disso. E os seleccionadores ainda não pensaram em mim. Até lá, aguardarei o momento emocionante de envergar a camisola da Selecção — o que de resto não me dará mais prazer do que recebi quando vesti pela primeira vez o «jersey» do Benfica.

Para findar, quisesmos saber quantos títulos guarda o Arsénio.

Eis o «palmarés».

— Campeão da II Divisão, no Barcelense, em 1942/43. Campeão Nacional, em 1944/45; «Taça de Portugal», em 1933/44 e 1948/49, pelo Benfica.

...E campeão nacional em 1949/50, acrescentamos nós — num volticínio que tudo indica será certo.

ROSA DE MATOS

Apontamentos para a história do atletismo em Portugal

XII — O salto com vara (continuação)

Em fins de Outubro de 1925, quando já concluíra toda a actividade nacional, a Federação recebeu da sua congénere espanhola uma proposta, inesperada, para realização em Madrid do primeiro encontro entre as selecções ibéricas.

Depois de alguns treinos especiais a F. P. A. decidiu deslocar apenas um saltador com vara, Francisco Duarte, mas aceitou a colaboração oferecida por Óscar Moura Braz que, a expensas próprias, acompanha a delegação. Aconteceu, porém, por ironia do destino que veio a ser Moura Braz o vencedor da prova, com 2,^m95, batendo Duarte a 2,^m90 e relegando os espanhóis para os lugares inferiores: Muñoz a 2,^m85 e Prados a 2,^m80. Este triunfo inesperado trouxe para a equipa portuguesa um dos raros títulos conquistados no primeiro torneio ibérico.

No ano seguinte, apenas três homens atingiram os três metros, pertencendo a Moura Braz, no torneio de Nun'Alvares e João Conreiras, no Nacional em que foi concorrente único, as melhores marcas, 3,^m05. João Belo, segundo classificado no concurso do citado clube portuense, transpôs 3 metros.

Os campeões de Lisboa e do Porto foram Conreiras e Francisco Duarte, respectivamente com 2,^m90 e 2,^m75; estes dois saltadores foram seleccionados para o 2.º Portugal-Espanha, organizado na pista do Lima, alcançando Conreiras a vitória, com 3^m e Duarte o terceiro lugar, com 2,^m90. Entre ambos, intercalou-se Muñoz, com 2,^m95 e, depois de finda a prova, em tentativa suplementar, Conreiras passou 3,^m08, não homologáveis como marca oficial.

A luta entre os campeões das duas cidades, procurando ambos conquistar o teloso recorde nacional, deu à época de 1927 maior animação.

Os primeiros concursos, reservados aos juniores, foram já de relativamente bom pronúncio; na «Taça António Stromp», Pedro Beirão alcançou 2,^m90 e João Belo 2,^m70, empatando ambos a 2,^m85 na «Taça Artur Santos».

Os regionais da categoria foram mais fracos, vencendo no Norte, José Oliveira, com 2,^m70 e em Lisboa o belenense Pedro Pinto, com 2,^m45 e sem adversários. O Sporting não inscrevera os seus saltadores e os do Benfica não puderam concorrer porque se tinham esquecido de trazer as varas respectivas e o representante do Belenense, proprietário da única presente no campo, se negou a emprestar-lha.

Nos seniores, os nomes foram os mesmos. O campeonato regional do Sul foi ganho por Conreiras, com 3,^m apenas; o do Porto, pior ainda, por Duarte com 2,^m90, mas depois de eliminado, o juri autorizou-o, assim como ao segundo classificado, Osório, a tentar maior altura e conseguiram, respectivamente 3,^m10 e 3,^m15.

No nacional concorreram apenas dois saltadores: F. Duarte, 3,^m11 e Pedro Beirão 2,^m90.

No encontro Porto-Lisboa, Conreiras atingiu 3,^m20, então o segundo resultado português, F. Duarte 3,^m10 e Beirão 3,^m; no torneio do Académico, última manifestação activa da temporada, o campeão do Porto conseguiu 3,^m11, falhando as tentativas a 3,^m31.

A época de 1928 foi de domínio do sportinguista Pedro Beirão, que venceu: o campeonato de Lisboa com 3,^m12 (Conreiras e Belo, 3,^m05), Porto-Lisboa e o nacional com 3,^m20, altura que neste último concurso tam-

bém foi transposta por F. Duarte. A barra foi subida para 3,^m30, falhando ambos e desceida depois para 3,^m10, que só Beirão passou, ganhando o título.

No concurso da Figueira da Foz, Duarte venceu com 3,^m12, seguido por Jorge Torres e Augusto Beirão, 3,^m04, este, irmão do campeão nacional inutilizado por distensão muscular logo no início da prova.

No campeonato regional do Norte de 1929, a 9 de Junho, Francisco Duarte conseguiu



Moura Brás, campeão ibérico em 1926



Fernando Boaventura, recordista nacional em 1940

DUAS ÉPOCAS, DOIS ESTILOS

enfim bater o velho recorde de Cabeça Ramos, elevando a marca para 3,^m30.

Os outros concursos do ano foram muito inferiores, sendo de 3,^m03 o melhor resultado lisboeta, por João Belo, no regional.

Em 1930 registámos a estreia, no regional de Lisboa dos juniores, de Mário Saraiva, campeão com 3,^m02 e a revelação do estudante de Coimbra, Fausto Tavares Rodrigues, vencedor no nacional de juniores com 3,^m11, novo recorde da categoria.

Francisco Duarte foi ainda o melhor especialista, triunfando no Nacional com 3,^m29 e no Porto-Lisboa com 3,^m20; os melhores de Lisboa foram João Pedro Belo com 3,^m20 e Jorge Tavares com 3,^m10.

A época de 1931 ficou assinalada pela subida do recorde nacional, que o portuense Manuel Oliveira fixou em 3,^m35, no encontro Porto-Lisboa, em 9 de Agosto.

No nacional de juniores venceu, apenas com 2,^m80, um novo praticante que veio a revelar excelentes aptidões, Cristovão Cardoso, infelizmente roubado à vida, quatro anos mais tarde, nas consequências de uma intervenção cirúrgica.

Os saltadores nortenhos continuaram afirmando superioridade, obtendo no campeonato nacional os dois primeiros lugares (Oliveira e Arnaldo Borges), com 3,^m20. Em Lisboa, alcançou Jorge Torres a melhor marca, com 3,^m11.

Em 1932, a penúria foi maior ainda; sómente quatro homens alcançaram os três metros: Arnaldo Borges, 3,^m18 no Porto-Lisboa; Cristovão e Gil Martins, 3,^m10 no nacional e M. Saraiva, 3,^m08.

Na temporada seguinte, Mário Saraiva, que transitara do Benfica para o F. C. Gais, conseguiu em 14 de Junho, no campeonato universitário de Norte, bater o recorde português, elevando-o a 3,^m40; foi ele o triunfador da época, campeão do Porto com 3,^m35, nacional com 3,^m20, no Porto-Lisboa com 3,^m37, tendo sempre como segundo, Arnaldo Borges, que duas vezes, no nacional e no inter-cidades, alcançou 3,^m30.

A notar ainda a vitória de outro gaiense, Rogério Morais, no nacional de juniores, com 3,^m10 e a de Cristovão no regional de Lisboa, com 3,^m23.

Em 1934 apareceu-nos o nome de Martins Vieira, campeão das Escolas Superiores com 3,^m10 e segundo na prova do encontro Lisboa-

-Madrid Académico, com 3,^m03, a mesma altura de Cristovão, o vencedor. Este, em grande progresso, foi o homem da época, campeão das Escolas Secundárias com 3,^m30, de Lisboa com 3,^m25 (único competidor, Martins Vieira, 3,^m10), e Nacional com 3,^m30 (três concorrentes).

Mário Saraiva foi campeão no Porto com 3,^m20.

Nos anos que se seguem nada de particular a registar, pelo que resumiremos ao mínimo a referência à actividade da modalidade.

1935. — Nove concursos dos quais três reservados a juniores; melhor resultado, 3,^m07, por Martins Vieira no Campeonato das Escolas Superiores. Este mesmo saltador foi campeão de Lisboa e Nacional, com 2,^m95 de ambas as vezes e Saraiva, campeão do Porto, com 3,^m05.

1936. — Oito concursos apenas. Vieira, de novo no Campeonato das Escolas Superiores, obteve a maior altura, 3,^m20.

SALAZAR CARREIRA

(Continua)

a vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

Futebol

O grande acontecimento da semana foi o desafio Itália-Bélgica, disputado em Bolonha e que os italianos venceram por 3-1. Apesar da atmosfera apaixonada do meio, os belgas portaram-se à altura das circunstâncias, reagindo tão bem aos ataques dos italianos — em dia de pouco brilhantismo — que não saíram diminuídos do campo.

Chaves marcou o primeiro tento da tarde, depois dos italianos terem perdido uma grande penalidade. Muccinelli empatou e na 2.ª parte, Carapellese e Amadei fizeram o resultado.

Estão apurados para a meia-final da Taça de Inglaterra quatro clubes: de Londres (Arsenal e Chelsea) — dois de Liverpool (o Everton e Liverpool). O sorteio determinou que se defrontassem na ordem citada, e por esse motivo Arsenal tem probabilidades consideráveis de ser finalista com Liverpool.

Manchester United, eliminado pelo Chelsea o grande favorito, continua na dianteira da classificação do Campeonato da Liga, com Liverpool à lharga. Sunderland e os Wolves seguem a 2 pontos de distância; atrás vêm, a par, Blackpool, Portsmouth e Arsenal.

Na Austria, o clube deste nome mantém-se à frente (23 p.) e os restantes conservam as posições seguintes: Rapid (19) F. C. Viena (17), Wacker (16).

Rangers e Hibernians são os mais qualificados grupos do campeonato da Escócia, intervalados de um ponto. Muito perto encontra-se o Hearts, seguido de Dundee, Celtic e East Fife.

O primeiro do campeonato italiano continua a ser Juventus (44 pts.), de Turim, distanciado de Milão, Internazionale e Lazio.

Entre os três da frente e os restantes existe um intervalo enorme — oito pontos — o que prova o mérito dos mencionados clubes. Juventus foi campeão da Itália consecutivo cinco vezes, entre 1930 e 1935, ao contrário de Milão que jamais obteve o título. Internazionale, também milanês, já foi três vezes coroado, e o infeliz Torino apoderou-se do título a partir de 1942.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

| | |
|--------------------------|---------|
| Custo por número | 2\$50 |
| 3 meses, Esc. | 32\$50 |
| 6 » » | 65\$00 |
| 12 » » | 130\$00 |

Patinagem

No Empire Pool, de Wembley, perto de Londres, realizaram-se os campeonatos do Mundo de patinagem artística. O primeiro prémio coube ao norte-americano Dick Button (considerado pelos seus compatriotas como o primeiro atleta do seu país) que pela terceira vez alcança o título, deixando no público e na crítica uma impressão de superioridade excepcional.

Chamam-lhe o fenómeno do patim. Num máximo, teórico, de 36 pontos, repartidos por seis figuras e atribuídos pela técnica e pela execução, Burton totalizou 34,8 na primeira e 35,1 na segunda, o que dá bem a medida do seu estilo.

Atletismo

Em Buenos Aires (Argentina), Juan H. Kahnert atirou o peso a 15,34, novo recorde sul-americano da especialidade.

Durante os jogos da América Central, disputados na Guatemala, Herbert Mac Kenley ganhou as 220 jardas, em 20,9 seg., batendo Fortunio Chacón e La Beach. O saltador de Fajander transpôs 4,11 à vara e Chandler arrojou o martelo a 45,87.

Os três atletas irlandeses Jean Reardon (47,8 seg. nas 440 jardas), Cumin Clancy (disco) e Joe Barry (milha) vão fixar residência nos Estados Unidos, frequentando a Universidade de Villanova.

O Japão concorrerá aos Jogos Olímpicos asiáticos, que se efectuarão em Nova-Delhy.

Boxe

Steve Belloise conquistou outra vitória em pouco tempo. Jogando em Newark (EUA) contra o francês Jean Csoche derrotou-o por pontos, no fim de 10 assaltos, apesar da resistência que lhe opôs o europeu.

Rocky Graziano, antigo campeão de «médios», pôs fora de combate ao 1.º assalto em Miami, Joe Curcic, modestíssima creatura sem pergaminhos boxísticos.

Em Filadélfia, o «semi-médio» cubano, Kid Gavilan safu vitorioso por pontos ao fim do 10 assaltos que disputou a Otis Graham.

Hein Ten Hoff, pesado alemão, vai bater-se com Jersey Joe Walcott, em Mannheim.

Michele Palermo, veterano pugilista e campeão de Itália, desafiou, para o título europeu de semi-médios, a Livio Minelli. Igualmente, se disputará entre William Poli e Jannilli a semi-final de «médios», sendo o vencedor oposto ao campeão, Manca.

Fusaro, antigo titular italiano de «leves» venceu em Liverpool, Bert Hornby, celebridade local e homem de classe.

NOTA DA SEMANA

Um conhecido árbitro belga queixava-se, e não há muito tempo, da falta de cortezia do público, em geral, para com os dirigentes dos desportos, pondo em destaque a tolerância do referido público, se se trata de apreciar erros dos jogadores, para os quais existe maior condescendência.

Assim é, com efeito. Árbitros e guarda-redes são contribuintes do espectáculo a quem os entusiastas nada perdoam, por motivos um pouco diferentes mas de trajectória paralela. Os segundos representam, na defesa, o passo decisivo entre o triunfo e a derrota, sem colaborarem nas acções do ataque à meia contrária. Elementos de intervenção espaçada no ritmo do jogo, os seus erros ou os seus insucessos trazem resultados imediatos, que não consentem emendas nem compensações.

Os árbitros, por sua vez, representam para a maioria dos espectadores o polícia antipático, cuja preocupação única consiste na observância de uma lei ignorada (senão sempre, quase sempre) aplicando-a a frio sob uma atmosfera cálida de entusiasmo.

No concerto da bola, as duas figuras não são naipes da orquestra. Eis, resumindo, o juízo elementar que as grandes massas fazem a respeito das duas figuras, considerando-as exóticas no meio dos restantes, a quem cabe chutar, driblar, passar, etc.

O futebol, originalmente, não dispunha de guarda-redes. O pórtico actual, composto por duas colunas e uma trave, apareceu em 1875. Até lá, bastava um par de estacas verticais a limitar o espaço do «goal», compreendido entre ambas e o seu prolongamento, tal como sucede no «rugby».

Quanto à figura mefistofélica do árbitro, criado para resolver os litígios inevitáveis, só em 1881 fez a sua aparição. Antes disso, o jogador que comesse falta acusava-se a si mesmo levantando o braço.

Hoje, conforme o jornalista italiano Carlini sublinha na revista «Tutto Sport», os árbitros são pessoas com espírito altruístico e abnegado, parecidos com os bombeiros, dadores de sangue, enfermeiros e missionários. Como se explicaria de outra maneira a escolha de uma profissão pouco compensadora, tão rica de ingratidões?

Evidentemente. Mas há vocações para todos os gostos e isso basta, dirá o leitor, sem que tal argumento justifique os maus tratos porque passam os árbitros no decorrer da sua faina.

NÃO há muito tempo, referimo-nos ao fervoroso praticante de ténis que é o Chefe do Estado da Suécia, Gustavo V; agora chega a vez de Mr. Vincent Auriol, Presidente da República Francesa, apaixonado ciclista para quem o velocípede não tem segredos.

Apesar das preocupações do cargo e gravidade das funções presidenciais, o sr. Auriol declarou, ao velho jornalista Victor Breyer, que pedala sempre que se lhe depara oportunidade de fazê-lo.

Impossibilidade de percorrer as ruas e parques parisienses, cavaleja na máquina em Rambouillet e passeia nas belas e vastas avenidas, considerando o ciclismo um desporto higiénico e sedativo. Mas, o que mais impressionou o espírito do jornalista, foi o conhecimento exacto do Chefe de Estado francês pelo célebre «Tour de France». Todos os anos, Sua Excelência, segue a famosa peregrinação em espírito; discute com os seus familiares os resultados de cada tirada e mantém-se em dia, no que respeita às proezas das figuras populares do velocípede. Não fóra a sua idade te-lo-íamos, daqui a algum tempo, acompanhante da grande prova!

O interesse pelo desporto está na ordem do dia, podendo dizer-se que mede o nível de progresso das diversas nações. A intervenção do Estado, porém, como coordenador e impulsor, não deve ir demasiado longe, de contrário limita as possibilidades da evolução desportiva, facilitando, ao mesmo tempo, a intromissão de elementos estranhos, de utilidade discutível.

Ao abordarmos este problema vem-nos à mente a frase do conselheiro Acácio, que Eça de Queiroz superiormente delineou. Falando de Religião, Acácio disse, na sua pomposa e balofa linguagem, que era um freio; o mesmo se pode aplicar à intervenção excessiva do Estado nas coisas desportivas.

Mr. Vincent Auriol a tal respeito alimenta um juízo sem fronteiras nem cercados. Entende que o desporto faz parte da vida, como outros factores biológicos, e bem haja por assim compreender o seu significado real.

RAFAEL BARAADAS



Barrigana sai das balizas e antecipa-se ao adversário, numa bola alta

A queda do Porto na Covilhã



O Porto marca uma das suas bolas...

Superioridade do Olhanense



O remate partiu do lado esquerdo, e Roger teve grande dificuldade na defesa

Mais um empate da Académica



Um ataque em massa da Académica às balizas de Guimarães...



Os quinze quilómetros

A prova de estrada denominada «Os 15 quilómetros» foi mais um triunfo para o magnífico corredor do Sporting, Felipe Luis. É-lo que chega — a 1.º foto — denotando na expressiva máscara o esforço do último arranque. Depois, é Alvaro Conde — outro «leão» de passada firme na conquista de quilómetros e em 3.º chega o benfiquista José Araújo, concluindo a prova com absoluto merecimento